

# Índice

A Autora

O Rei Leproso

1. A Liteira Dourada
2. O Terror do Rei
3. As Mãos Denunciadoras
4. Notícias de Ascalão
5. Um Marido para Sibila
6. Piores que os Pagãos
7. A Paz do Santo Sepulcro
8. Neto da Serpente
9. A Vida ou o Céu
10. Nem que lhe Fizessem Rei!
11. Relutante Auxílio a Antioquia
12. O Escudeiro de Godofredo de Bouillon
13. “Perdoa, Irmão”
14. “Eu Sou o Rei”
15. A Vitória do Santo Lenho
16. Sibila, a Feiticeira
17. O Monte do Pecado
18. O Templo de Vênus
19. Entre o Amor e o Reino
20. A Derrota de Sibila
21. Guy, Rei de Jerusalém
22. Embaixador do Sultão
23. O Arco-Íris Despedaçado
24. A Paciência de Saladino
25. Traição a Deus



### **Zofia Kossak-Szczucka**

Embora se dê como data de seu nascimento 8 de agosto, o que ela mesma fazia, sua certidão de nascimento, recém encontrada, como noticia a Wikipedia, consigna o dia 10 de agosto. Como quer que seja, nasceu Zofia Kossak no mês de agosto, na Polônia e estava destinada a ser uma das mais importantes escritoras polonesas e um exemplo de vida.

Neta do pintor Juliusz Kossak, contraiu dois casamentos, mantendo no segundo o sobrenome do primeiro: Szczucka. Mas é mundialmente conhecida como Zofia Kossak, seu nome de solteira.

Antes da II Guerra, participou do grupo literário Czartak, fundado por Emil Zegadłowicz, e escreveu para a imprensa católica. É deste período o livro *Conflagração*, sobre a Revolução Russa de 1917. Em 1936 recebeu a Láurea de Ouro (Złoty Wawrzyn).

Destaca-se entre os melhores autores de romances históricos poloneses. O que não é pouca coisa, se lembrarmos que entre eles figuram Henryk Sienkiewicz (autor de *Quo Vadis*

e prêmio Nobel de literatura) e Józef Ignacy Kraszewski, autor de mais de 200 obras.

Entre suas livros mais conhecidos: *Krzyżowcy* (*Cruzados*, 1935), *Król trędowatu* (*Rei Leproso*, traduzido ao inglês como *The Leper King* e ao português como *O Santo Sepulcro*, 1936), sobre as cruzadas; e *Bez oręża* (*Sem Exército*, traduzido ao inglês como *Blessed are the Meek* e ao português como *Bem-Aventurados os Humildes*, 1937), sobre Francisco de Assis.

Quando sobreveio a II Guerra Mundial, Zofia Kossak já era um nome de expressão na cena cultural polaca. E continuou sendo... na imprensa clandestina. De 1939 a 1941 co-editou *Polska zyje* (*Poland Lives - A Polônia Vive*) e em 1941 co-fundou a organização católica *Frente para o Renascimento da Polônia* e editou seu jornal, *Prawda* (Verdade). Usava o codinome de Weronika.

Apesar de ser procurada pela Gestapo, expôs-se ao ajudar os judeus, motivada por seus valores morais, humanitários e patrióticos. Encarava as ações alemãs, disse, “como uma ofensa contra o homem e Deus, e suas políticas como uma afronta aos ideais que esposava para uma Polônia independente”.

No verão de 1942, quando começou a liquidação do Gueto de Varsóvia, Zofia publicou um documento que se tornou histórico: *Protesto* — impresso clandestinamente e do qual foram distribuídas 5.000 cópias. Nele descrevia, em termos candentes, as condições de vida no gueto, as circunstâncias horríficas em que as deportações estavam a se dar. “Todos perecerão”, escreveu. “Pobres e ricos, velhos, mulheres, os mais jovens, infantes, católicos morrendo com o nome de Jesus e Maria junto com judeus. Sua única culpa é que nasceram na nação judia condenada ao extermínio por Hitler.”

O mundo, apontava Zofia, estava silente face a esta atrocidade. “A Inglaterra está silente, bem como a América, mesmo a influente comunidade judaica internacional, tão sensível em suas reações a qualquer transgressão contra seu povo, está silente. A Polônia está silente... Judeus moribundos estão cercados apenas por uma hoste de Pilatos lavando suas mãos em sinal de inocência”. Os que se silenciavam frente ao assassino, escreveu, tornavam-se cúmplices do crime.

Zofia Kossak não se silenciou.

Em 1943, foi presa. Levada primeiro para a prisão de Pawiak, dali para Auschwitz, onde foi mantida no campo de concentração adjacente àquele para o qual os judeus eram enviados, condenados ao extermínio. Foi liberada graças aos esforços da resistência. Voltou para Varsóvia e para a resistência. Em fins de 1944, participou do Levante de Varsóvia. Após a guerra, preferiu emigrar para a Inglaterra a viver sob o regime comunista polonês instaurado. Em 1957, ao término do período estalinista, voltou à sua pátria.

Após a guerra, Zofia publicou *Z otchłani: Wspomnienia z lagru* (Em inglês: *From Abyss: Memories from the Camp - Do Abismo: Memórias do Campo*), descrevendo suas experiências em Auschwitz; *Dziedzictwo*, sobre a família Kossak e em 1952 *Przymierze* (Alliance) com temas bíblicos. Escreveu também livros para crianças e adolescentes.

Faleceu em abril de 1968 e foi enterrada no cemitério de Górkki Wielkie, vilarejo histórico em que viveu boa parte de sua vida.

Pudemos conhecer, da obra de Zofia, em português, *Król trędowatu*, traduzido do inglês e incluído na saudosa Coleção Saraiva, cuja digitalização constituiu a base desta edição; e *Bez oręza*, em tradução de Godofredo Rangel [Biblioteca do Espírito Moderno, Série 4ª - Cia. Editora

Nacional, SP, 1945], edições que podem ser encontradas em papel nos bons sebos pela internet, mas há muito esgotadas.

Nesta edição, optou-se pelo título *O Rei Leproso*, mais próximo do original polaco e do título em inglês, mantendo-se, por fidelidade à fonte digital e em respeito à memória dos leitores mais idosos, entre os quais me incluo, a menção a *O Santo Sepulcro*, livro cuja leitura, com certeza, faz parte das memórias de muitos dos leitores, que não hesitariam em, como o faço, recomendá-la às novas gerações. Boa leitura!

Dados biográficos colhidos na Internet, basicamente na Wikipedia. Pela ajuda nos caracteres polacos, Jennifer Kyrmin, webdesign.about.com - Por qualquer deslize, peço desculpa aos poloneses. Ainda estou a aprender o português. - Teotonio Simões - eBooksBrasil

**O REI LEPROSO**  
**Zofia Kossak**

# I

## A LITEIRA DOURADA

Terminara a missa na Igreja do Santo Sepulcro, construída e consagrada vinte e oito anos antes, no quinquagésimo aniversário da conquista de Jerusalém. Extinguiam-se as luzes, e das velas subiam para a alta abóbada volutas finas de fumaça azul. No pálido crepúsculo do interior cheio de frescura brilhavam ricos altares, os túmulos dos seis Reis de Jerusalém, e pinturas e oferendas votivas. O séquito real transbordou para fora como uma onda, para a luz deslumbrante do sol, através das portas duplas abertas de par em par, e se dispôs na ordem devida sobre as lajes de mármore do adro.

O Rei Balduíno não espreitou por entre as cortinas totalmente corridas de sua liteira dourada. Não tinha vontade de ver o muro, em parte demolido, que dividia em dois o lindo pátio. Era um muro feio, de tijolos e pedras amontoados sem arte, e sua história era ainda mais feia. O Rei não passava de um menino, quando os costumeiros choques entre o clero secular e as poderosas ordens militares haviam rompido em guerra aberta. Os Cavaleiros da Ordem de S. João — os Hospitaleiros — tinham construído aquele muro que bloqueava a entrada para o templo, e escondendo-se por trás dele, lançavam flechas contra os sacerdotes e monges que tentassem chegar até a Basílica. O Patriarca em pessoa lhes implorara que recuperassem o bom senso, mas eles também o alvejaram com flechas. O venerável padre juntara as flechas — que ainda pendiam acima do Sepulcro como triste recordação — e enviara queixas a Roma.

Mas Roma ficava longe, e a Ordem próxima. E o santo Patriarca morrera de desgosto. Verdade que o Rei, pai de Balduíno, havia tomado resolutamente seu partido, ordenando aos Hospitaleiros que derrubassem o muro, mas também ele havia morrido antes que a ordem fosse executada. Nessa ocasião, Balduíno contava apenas catorze anos, e os cavaleiros não se tinham apressado em obedecer. Agora tinha dezessete e o muro continuava quase intato, com uma brecha no centro servindo de estreita passagem.

O Rei fechou os olhos com um suspiro de cansaço. A procissão começou a movimentar-se, indo à frente os Hospitaleiros, de capas negras marcadas com grandes cruces brancas, a precederem altivamente todo o séquito. Apesar de serem menos poderosos que os Cavaleiros Templários, tinham precedência sobre eles porque sua ordem era mais antiga. Fora fundada quando Jerusalém ainda estava em mãos dos infiéis. Nada podia alterar a antigüidade, de modo que os orgulhosos Templários tinham de contentar-se com o segundo lugar na procissão. Em contraste com os Hospitaleiros, usavam capas brancas com uma cruz negra, armadura e capacete negros. Precedendo o Grão Mestre, carregavam uma bandeira branca e preta com a inscrição: *Domine, non nobis, sed Nomine Tuo ad gloriam*. A bandeira se chamava Beaucéant, e precedia o próprio estandarte real. Os cavaleiros monásticos faziam votos de pobreza, abstinência, castidade, humildade, obediência e coragem. De todas estas virtudes, apenas duas prevaleciam ainda: obediência ao superior da Ordem, e coragem sem igual. Um Templário não tinha o direito de render-se; nem de pagar resgate por si mesmo; nem de entregar um palmo de muro, uma plegada de terra, ainda que fosse para salvar a vida. Só podia vencer ou morrer.

Outrora, essas coortes de aço, brancas e negras, tinham prestado grandes serviços ao nascente reinado. Mas, à medida que enfraquecia a autoridade real, a delas aumentara. Agora,



meditava Balduíno, seria impossível saber qual o maior perigo para o Estado: se os sarracenos ou os Hospitaleiros e os Templários.

Atrás dos Templários, e antes da liteira dourada na qual o jovem Rei meditava, um porta-estandarte carregava a bandeira real. Ao redor da liteira estavam reunidos os principais cavaleiros. Imediatamente atrás, montados em cavalos esplêndidos, cobertos com inestimáveis gualdrapas, que se arrastavam ao longo das lajes, vinham a irmã do Rei, Sibila, e o jovem Guilherme de Montferrat, também alcunhado Espada-Longa, que a desposara um mês antes. Guilherme era largo de espáduas, de elevada estatura e tinha o rosto firme e dominador. Seu cavalo curveteou, escumando, empinou e fez um recuo. O cavaleiro refreou as rédeas com displicência, contemplando altivamente a multidão. Já se sentia dono da cidade, como inevitável sucessor do Rei. Sua jovem esposa virava o rosto de um lado para outro, e seus lábios muito pintados não escondiam sorrisos. Até o dia do casamento, Sibila tinha vivido no convento de Betânia, no Monte das Oliveiras, sob a guarda de sua avó, a Abadessa Ivette, e de uma santa tia cujo nome herdara. A influência das duas piedosas e dedicadas mulheres não lhe sufocara a ânsia de viver. Dava a impressão de agarrar-se com toda a sofreguidão à vida que agora principiava a conhecer.

Depois dos jovens recém-casados e de sua comitiva, vinha o venerável Guilherme, Arcebispo de Tiro, historiador erudito e preceptor do Rei; era seguido pelas comitivas das duas rainhas, viúvas do falecido Amalrico. A primeira era a corpulenta e irrequieta Inês de Courtenay, cujo casamento com Amalrico fora anulado por serem primos em quarto grau. Entretanto, seus filhos, Balduíno e Sibila, haviam sido proclamados legítimos. Ao ser forçado a deixar Inês, o Rei tinha desposado Teodora, filha de Emanuel Basileu. Esta dama, ainda jovem e bonita, dedicava seu tempo à educação de uma filha,

Isabel, mantendo-se afastada dos assuntos do governo e das intrigas da corte. Seu séquito se distinguiu pela riqueza elegante mas inofensiva. Atrás das rainhas vinha numeroso grupo de cavaleiros, e, finalmente, a infantaria que guardava a cidade.

Do adro inundado de luz, a procissão passou para a escuridão das ruas íngremes e estreitas, calçadas de mármore, onde os cascos dos cavalos soavam como se batessem em aço. A cidade não fora muito modificada naqueles últimos setenta e oito anos, depois que os Cruzados a tinham tomado; o mesmo labirinto, de ruas secundárias, escuras e escorregadias, mais escuras ainda por causa das pedras que amparavam no topo os edifícios contra os terremotos. Esses edifícios de pedra, sem adornos, cinzentos, com telhados chatos ou arqueados, não revelavam se estavam de pé havia um século ou se tinham sido erigidos na véspera. As ruas fervilhavam de povo, apinhado para ver a procissão real voltar da igreja. Apesar do número de habitantes de Jerusalém estar reduzido a menos da metade, a cidade rumorosa não parecia despovoada. Entre a multidão havia muitos novos habitantes atraídos pelo decreto de Balduíno III que outorgara àqueles que ocupassem uma casa deserta, assim como uma vinha ou fazenda e a mantivessem durante um ano, a propriedade legítima, podendo transmiti-la em herança. Misturados com estes, havia muitos velhacos de turbante que haviam voltado depois da suspensão do exílio para os muçulmanos. Também havia latinos, sírios, gregos, genoveses, judeus, amontoados uns contra os outros para darem passagem à procissão.

Mendigos clamavam por esmolas, exibindo feridas, batendo muletas e lutando entre si. A Rainha Mãe, Inês, riu ao atirar-lhes moedas, ao passo que a Rainha Viúva, Teodora, fez o mesmo gesto com mais discrição, quase envergonhada. Sibila, enlevada com seu lindo esposo, não lhes deu atenção. Leprosos, gritando, gemendo e choramingando, se atiravam com especial importunidade em direção ao Rei. Quando se acercaram para

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

